



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Jornal Hoje

Data: 25/02/2010

Link: <http://g1.globo.com/jornalhoje>

Caderno / Página: - / -

Assunto: Recepção aos ingressantes da ESALQ

Universitários passam por trotes divertidos em Piracicaba

Muitas reportagens tem mostrado trotes violentos em diversos locais do país, mas existem celebrações divertidas e bem humoradas que integram e acolhem os calouros.

Harmonia na recepção aos calouros

“Façam tudo o que tem direito e que não vá prejudicar a sua saúde!”

Os conselhos são do veterano formado na turma de 90, que foi participar das boas vindas aos novos estudantes.

“Quebra o gelo, a tensão de todo mundo que tá saindo de casa, aqui todo mundo fica amigo”, comenta um calouro.

E logo no primeiro dia de república eles já são batizados.

- “Qual seu apelido?”.

- “Coalho, porque meu pai estudava aqui e se chamava queijinho”.

- “Vira a cara, porque eu toco violino”.

- “A gente conversa com a pessoa e pega alguma historia da vida dela para dar o apelido”, explica um veterano.

Tradicional também é a macarronada oferecida na recepção aos calouros. Cada república traz uma panela, mas o serviço é terceirizado.

- “Você sabe cozinhar?”.

- “Não... Quem faz é a dona Vera, nossa ajudante”.

Aos poucos eles vão se enturmando.

- “Há quanto tempo você conhece esse amigo?”.

- “15 minutos...”.

Quando a macarronada é servida a recepção fica mais saborosa.

- “Você não precisa usar de violência para conhecer as pessoas... Outras pessoas vão passar por isso e nós vamos ter que tratá-las bem... Eles estão passando uma lição pra gente”, diz uma caloura.

É uma época que vai ser lembrada com carinho pela vida toda. E para tornar esse momento ainda mais especial, os calouros recebem um presente de boas vindas. O símbolo de uma tradição de quase 40 anos.

O chapéu de palha com o nome do calouro deve ser usado até o dia 13 de maio, dia da libertação dos bichos.

E cada veterano que fica amigo assina a lembrança. Quanto mais nomes no chapéu, maior o circulo de amizades.

- “Todo mundo que tá no chapéu tem um carinho especial por mim assim como eu tenho por eles”, declara outro calouro.

Vinte anos depois o engenheiro agrônomo ainda guarda o chapéu e o apelido dos tempos de estudante: burdog. “Pra você ter uma ideia, minha mulher me chama pelo apelido de faculdade, só que ela diminuiu carinhosamente para dog”, conta.

No caso do trote violento em Barretos, no interior de São Paulo, a expectativa é que os dois jovens apontados como responsáveis por provocar queimaduras nos calouros, se apresentem ainda nesta quinta-feira.

Um deles tem 24 anos e cursa engenharia civil na universidade, mas o outro, de 19 anos, não está matriculado em nenhuma faculdade da cidade.